

MÚSICA E POESIA EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Lindjane Pereira¹
Universidade Federal da Paraíba
Líllian Régis²
Universidade Federal da Paraíba

1. Introdução

Basta abrir alguns livros didáticos destinados à Educação Básica brasileira para perceber que o ensino de literatura no País privilegia os textos narrativos e dão pouco espaço para a lírica, que é interpretada por muitos professores como um gênero complexo, que não seria absorvido pelos alunos. Para os docentes que se arriscam a levar a poesia para a sala de aula, não é nada incomum ouvir alunos se queixarem de que poesia é muito difícil, de que não entendem o que um poema quer dizer. Paralelamente a essa resistência, contudo, os jovens perturbam as aulas com seus fones de ouvido, celulares com mp3: eles escutam música o tempo inteiro, cantam, vivenciam o universo musical como algo próximo, natural, prazeroso e nada complicado.

Diante desse contexto, o professor pode mostrar aos alunos as aproximações históricas que música e poesia possuem. Filhas de um mundo oral, as duas artes mantêm muitos pontos em comum, como o trabalho diferenciado com a palavra, por meio da valorização dos seus aspectos polissêmicos e sonoros. Levar os seus alunos a ouvirem uma música, questioná-los sobre as sensações que ela transmite, sobre a sonoridade das palavras e seus significados, pode ser o primeiro procedimento adotado por um professor para introduzir o universo poético em sua sala de aula. A audição das músicas abre alas para a leitura dos poemas.

As ligações entre poesia e música são tantas que muitos músicos são chamados de poetas e já se tornou comum que poemas famosos sejam musicados. Assim, sem saber, os alunos cantam poemas ao mesmo tempo em que se negam a estudar poesia. O poema clássico “Amor é fogo que arde sem se ver”, de Luís Vaz de Camões, por exemplo, foi musicado por Renato Russo e se transformou na música “Monte Castelo”, até hoje cantada.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba

No documentário *Palavra (En)Cantada*, dirigido por Helena Solberg, lançado em 2008, essa ligação entre poesia e música é bastante discutida. Nele, o músico, ensaísta e, também, professor de literatura da USP (Universidade de São Paulo), José Miguel Wisnik defende que a música popular pode ser um elemento facilitador, um elo entre os alunos e a literatura. O depoimento de Wisnik corrobora nossa opinião de que num país musicalmente tão rico, como o Brasil, deixar essa relação tão próxima se perder seria um desperdício lamentável.

A cultura no Brasil é muito oral, muito rítmica, muito musical, muito corporal e muito festiva. Acho que a literatura, quer dizer, a cultura letrada nunca se implantou completamente no Brasil no sentido de você ter uma vida cultural baseada em publicações, em leituras, grande número de leitores. Passou-se, muito diretamente, dos meios orais pro rádio, pra televisão, pros meios audiovisuais. Eu sinto o quanto a música popular no Brasil é uma ponte que junta, por exemplo, as gerações que chegam, que a gente vai ensinar literatura, o quanto a música popular permite você estabelecer um contato entre a literatura e o repertório desses alunos, dessas gerações³.

É, pois, para utilizar essa ponte e levar os alunos à apreciação da poesia e à quebra da imagem de que se trata de uma arte de difícil entendimento e, por isso, destinada a poucos, que elaboramos este artigo. Para que isso seja alcançado, propomos uma sequência didática para guiar o professor na tarefa de repassar os principais fundamentos da linguagem poética de maneira mais atraente, diminuindo assim a resistência do alunado. Muitos dos principais poetas brasileiros, como Manuel Bandeira, tiveram poemas musicados e o professor pode usar as músicas também para despertar o interesse dos alunos pelas obras.

Entre os estudiosos de literatura, discute-se muito se a letra de música é poesia. Alguns destacam que o trabalho primoroso com a linguagem realizado por músicos, como Chico Buarque de Holanda, renderam alguns dos melhores poemas brasileiros. Outros músicos que vêm sendo consagrados como poetas, inclusive no universo acadêmico, são Caetano Veloso e Arnaldo Antunes. Na contramão desse entendimento, alguns afirmam que separadas dos sons dos instrumentos, a letra de música perde muito do seu lirismo, já que foi pensada para ser cantada e tocada. Nesse artigo, defendemos que algumas músicas carregam sim a essência da poesia (e a estrutura poética) e, por

³ O documentário *Palavra (En)Cantada* está disponível no Youtube, no link <http://www.youtube.com/watch?v=UD0yHnDpl6Y>. O filme traz à tona a velha discussão sobre música ser ou não poesia, sobre as aproximações entre ambas e, ainda, sobre aborda a produção musical e poética de artistas como Chico Buarque, Tom Zé, Waly Salomão, Adriana Calcanhotto, Maria Bethânia, Luiz Tatit e outros.

isso, podem ser usadas como instrumento facilitador para despertar o interesse dos nossos alunos pela poesia.

Em um mundo em que a palavra escrita não existia, a cultura de um povo era repassada por meio da memória e para que isso acontecesse mais facilmente era preciso que as palavras atraíssem os sentidos por sua sonoridade, seu ritmo ao qual se associava a melodia dos instrumentos, ou seja, nesse mundo oral a poesia e a música transmitiam o saber e a cultura dos povos, além de serem, junto com outras artes como o teatro, formas de diversão. A relação entre poesia e música já aparece no nome de um dos principais tipos de poemas: o lírico, que remete à lira, instrumento musical. Na Poética de Aristóteles (Século IV a.c) citam-se os ditirambos – versos entoados para o deus Dionísio com o acompanhamento de instrumentos musicais. Na Idade Média, por sua vez, encontramos as cantigas de amor e de amigo que, como o próprio nome diz, eram composições musicais hoje estudadas como poesia. Os poetas desse tempo eram chamados de trovadores e a trova, aliás, é considerada um tipo de poema composto por estrofes de quatro versos em redondilha maior.

Poetas do nosso tempo, como Mário Quintana e Cecília Meireles, chamaram alguns dos seus poemas de canções, mesmo sem a pretensão de musicá-los. Um bom exemplo de como poesia e canção em certos casos são usadas como palavras sinônimas é o poema “Motivo” de Cecília Meireles (1982) no qual nos deparamos com uma verdadeira poética que pode ser explorada em sala de aula. O poema foi musicado por Fagner.

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:

— mais nada.

Mas, por que explorar as relações entre poesia e música em sala de aula? Por que explorar um tema que não é novidade? Por causa do contexto de ensino-aprendizagem em que vivemos no qual o professor trava uma guerra diária para despertar o interesse do aluno pela leitura e para que eles realmente compreendam o que leem. Nessa batalha cotidiana, ao nosso entender, é preciso atraí-los por aquilo que os atrai naturalmente, como a música que eles carregam consigo em seus celulares nas ruas, no ônibus e, muitas vezes, na sala de aula de forma indesejada.

Tavares (2007, p.21-22) destaca a necessidade de se adotar uma forma sistematizada de ensinar poesia no Ensino Médio de forma prazerosa e sedutora. Em sua tese, a pesquisadora destaca estudos que mostram que o ensino da poesia ajuda no desenvolvimento sócio-cognitivo dos alunos, ao mesmo tempo em que desperta a sensibilidade e a criatividade deles. E, para que isso aconteça, é preciso que se adote um ensino que quebre o estigma de que poesia é para poucos.

Averbuck (1982), em seu texto *A poesia e a escola*, mostra que a responsabilidade da escola não é “fazer poetas, mas desenvolver no aluno (leitor) sua habilidade para sentir a poesia, apreciar o texto literário, sensibilizar-se para a comunicação com o mundo.” (AVERBUCK, 1982, p. 62); Abramovich (1989), em, *Poesia para crianças*, discute considerações tradicionais sobre a poesia, acolhendo a ideia de que a poesia “é uma brincadeira com palavras” e exemplifica várias possibilidades de realização dessas brincadeiras, explorando sensações, sonhos e emoções.

2. Sequência didática

Para introduzir o universo poético na vida dos alunos, propomos que o professor use uma sequência didática (SD), ou seja, uma série de oficinas sobre o assunto que partem dos conhecimentos dos alunos sobre a temática e vão aumentando o grau de dificuldade, conforme os conhecimentos são assimilados. Como dito, todas as oficinas utilizarão as músicas como ponto de partida, como forma de atrair a atenção dos alunos. O movimento sempre acontecerá dos ouvidos (música) para os olhos (poemas).

O uso das sequências didáticas está recomendado nos Parâmetros Curriculares Nacionais como uma metodologia de ensino de gêneros. Bronckart (2006), citado por Machado e Cristóvão (2009, p. 555), lembra que as sequências didáticas começam a ser usadas em Genebra ainda na década de 1980, contudo, na década de 1990 essa

metodologia de ensino se volta para o estudo de gêneros. Machado e Cristóvão (2009, p. 555) lembram que as sequências teriam as seguintes características:

- o objeto do trabalho escolar seria a atividade de linguagem relacionada a um gênero utilizado em uma determinada situação de comunicação;
- o trabalho se faria no interior de um projeto de classe que circunscrevesse os elementos que caracterizam a situação de comunicação em foco;
- o ponto de partida da sequência seria constituído, na medida do possível, da observação das capacidades e das dificuldades dos alunos;

A nossa sequência didática é composta por seis oficinas que serão ministradas em nove aulas de 45 ou 50 minutos. A primeira delas é uma audição, na qual o professor vai conhecer os gostos musicais dos alunos e os conhecimentos que eles já detêm sobre música e poesia. Essa é uma etapa fundamental para o professor porque ela poderá orientá-lo, inclusive, no que se refere à escolha das músicas que serão usadas nas oficinas e o grau de dificuldade aplicado nelas. Nesse artigo, sugerimos algumas músicas e poemas que podem ser usados nas oficinas, mas, conforme o contexto escolar, o docente pode adotar outras músicas e poemas como objeto.

A partir da segunda aula, sugerimos que o professor sempre levante questionamentos que lembrem ao aluno o que foi estudado na aula anterior. Essa seria uma forma de integrar todas as oficinas e de promover uma avaliação contínua da aprendizagem. A avaliação final acontece na última oficina, na qual os alunos devem trazer músicas e poemas que os toquem, falar sobre eles e sobre a linguagem poética.

Oficina 1 – Apreciação

Nesta primeira aula o professor fará um momento de audição musical com os alunos. Como estamos pensando em uma aula de 50 minutos, sugerimos trabalhar com uma música, pois acreditamos que haverá tempo suficiente para uma discussão proveitosa e eficaz. No entanto, cada docente conhece seu alunado e suas condições específicas de trabalho, e pode decidir a quantidade ideal de canções a serem ouvidas.

A audição das músicas selecionadas funcionará como sondagem para: **1)** conhecer o gosto e as preferências musicais dos alunos; **2)** elaborar as aulas seguintes a partir desse conhecimento. Além disso, o professor vai buscar trabalhar a sensibilidade por meio da música, discutindo sobre os temas que ela aborda e procurando saber o que os alunos sentiram e entenderam através da letra. Também será possível refletir sobre a

relação entre música e letra e como elas se complementam. Que sentimentos a melodia produz, ela é eufórica, alegre, melancólica? O professor pode levar músicas com ritmos e ideias diferentes justamente para sondar o gosto musical dos alunos.

Se o docente souber tocar algum instrumento musical, começar a aula tocando e cantando, se for o caso, pode ser um bom modo de atrair a atenção dos alunos e “quebrar o gelo” da turma. Afinal, quem resiste ao som de um violão ou batuque de um tambor? A previsão de risadas é quase certa, assobios e aplausos, também. E nesse momento, o professor terá criado o clima perfeito para introduzir o assunto a alunos que já estarão na expectativa do que virá depois desse “mini show”.

Oficina 2 – Artes irmãs (duas aulas):

Nestas aulas o professor vai começar a mostrar as aproximações entre poesia e música. Pode-se começar com duas perguntas que orientarão todo o trabalho: **1)** quem gosta de música? **2)** Quem gosta de poesia? Como acreditamos que a maioria vai responder que gosta da primeira arte e não da segunda, o professor vai partir desse ponto para mostrar que as duas têm muito mais em comum do que os alunos imaginavam.

Nessas aulas, o professor deve apresentar a distinção entre poesia e poema (forma por excelência da poesia enquanto linguagem), mostrando que tanto a canção quanto o poema em debate podem conter poesia. Essa etapa é fundamental para fazer o aluno entender que a poesia pode ser encontrada em várias artes e não só no poema.

Depois disso, chega a hora de mostrar que, no caso da música, as semelhanças com a poesia são ainda maiores por causa da origem das duas artes e por causa da estrutura em verso e estrofe e a sonoridade: rimas, aliterações, assonâncias, anáforas.

- Sugestão de poema e música para o trabalho: “Cachimbo da paz”, de Gabriel O Pensador, e “José”, de Carlos Drummond de Andrade. A música e o poema tratam de problemas sociais, uma temática muito adequada para os jovens. Além disso, eles têm uma estrutura em verso e o trabalho com a sonoridade bem marcado.

Oficina 3 – A linguagem poética (duas aulas):

Sem deixar de retomar os conceitos trabalhados nas duas primeiras aulas (lirismo e musicalidade), chegou a hora de os alunos começarem a refletir sobre a linguagem

poética. Nessa aula, de início o professor deve mostrar que no nosso dia a dia usamos uma linguagem denotativa (com palavras sendo entendidas em seu sentido próprio) e uma linguagem conotativa ou figurada. É importante que o professor enfatize que na linguagem poética se destaca a conotação por meio das figuras de linguagem.

Como em aula anterior, a sonoridade ganhou destaque, nessas aulas o professor pode trabalhar com algumas figuras muito presentes na linguagem poética, como a metáfora, a antítese e o paradoxo, a personificação, a hipérbole, entre outros.

- Sugestão para trabalhar com metáfora:

Músicas: “Metáfora”, de Gilberto Gil e “Que país é esse”, de Legião Urbana.

Poemas: “Desencanto”, de Manuel Bandeira; “No meio do Caminho”, de Carlos Drummond de Andrade.

Oficina 4 – Poemas musicados

Essa oficina será dedicada a apresentar aos alunos alguns poemas que viraram música. O professor nessa aula deve enfatizar que a poesia e a música são tão próximas que músicos usaram, na íntegra, poemas como letras de suas canções. A nossa sugestão é que primeiro o professor promova uma audição das músicas e em seguida revele aos alunos que se trata de um poema que foi musicado. Em seguida, o professor pode pedir que os alunos leiam apenas o poema e pensem nas sensações diferentes que as duas formas de ouvi-lo causaram. O professor pode lembrar o famoso poema de Camões (Amor é fogo que Arde sem se ver) que foi musicado pela banda Legião Urbana. Que a famosa música Fanatismo, de Raimundo Fagner, é na verdade um poema da poetisa portuguesa Florbela Espanca.

- Sugestão: Poema “Trem de Ferro”, de Manuel Bandeira e versão musicada por Tom Jobim; Poema “Rosa de Hiroshima”, de Vinícius de Mores e versão musicada por Ney Matogrosso.

Oficina 5 - A liberdade poética

Depois de ter falado sobre a alma (lirismo) e o corpo (estrutura) da poesia, nessa aula o professor vai mostrar aos alunos que poetas romperam com as estruturas clássicas e fazem poemas sem rima, sem métrica, que se aproximam da prosa, por isso sendo chamados por alguns de poema em prosa. A ideia é que o professor apresente alguns casos na música e na poesia e levante a discussão junto aos alunos: estamos diante de

um poema? Esse também é o momento do professor ouvir os alunos sobre as aproximações entre a música e a poesia.

- Sugestão: “O amor é filme”, de Lirinha (trilha sonora do filme “Lisbela e o prisioneiro”) e “Os três mal amados”, de João Cabral de Melo Neto.

Oficina 6 – Avaliação das oficinas (duas aulas)

Essa última aula será usada para avaliar os alunos. Na oficina anterior, o professor deve pedir aos alunos que se organizem em grupo (numa quantidade que favoreça o trabalho proposto) escolham uma música que considerem como poema ou mesmo um poema para levar a sala de aula. O professor deve questionar os alunos sobre:

1. Quais as sensações que a música ou poema lhe trazem?
2. Por que você considera essa música ou texto poético?
3. Depois dessas aulas, você passou a gostar mais de poesia? Por quê?

Considerações finais

Esperamos que este artigo seja útil aos docentes que tiverem acesso a ele. Acreditamos que a relação entre música e poesia pode ser abordada em todos os níveis do ensino (Fundamental, Médio, Superior), atendendo às especificidades e objetivos de cada faixa etária e educacional. Por isso, esperamos que a sequência didática proposta possa servir como modelo para que o docente elabore a sua própria S.D., não, apenas, inserindo novas canções e poemas, mas estabelecendo outros conteúdos relacionados ao tema.

Finalmente, desejamos ter contribuído para que o ensino e estudo de poesia deixem de ser considerados difíceis e para poucos, e seja de todos, como a língua o é. Estamos certas de que, se levada adiante, esta e outras sequências didáticas podem transformar nossos alunos e fazer da leitura de poemas algo prazeroso e cheio de paixão.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Sousa. 5 ed. [S.I]: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1998a.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: companhia das Letras, 2000.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>.

Acesso em: mai.2014.

CANDIDO, Antonio. **Estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 1996.

DIAS CAVALCANTI, Luciano Marcos. **Música e Poesia em Manuel Bandeira**. Disponível em: www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL3Art3.pdf.

Acesso em: 20 mai.2014.

MACHADO, A. R.; CRISTOVÃO, V. L. L. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. In : ABREU-TARDELLI, L. A. CRISTOVÃO, V. L. L. (Orgs.). **O ensino e a aprendizagem de gêneros textuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

MEIRELES, Cecília. **Viagem e Vaga Música**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SOLBERG, Helena. **Palavra (En)Cantada**, 2008. BR. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=UD0yHnDpl6Y>.

Acesso em 20 mai. 2014.

TAVARES, Diva Sueli Silva. **Da leitura da poesia à poesia da leitura: a contribuição da poesia para o Ensino Médio**. Rio Grande do Norte: 2007, 300f. Tese apresentada a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/btd/DivaSST.pdf> . Acesso em: 20 mai. 2014.